

## REFLEXÕES SOBRE OS MAUS E OS BONS FANTASMAS: UMA HISTÓRIA DE REAUTORIA EM TERAPIA NARRATIVA COM CRIANÇA

MARIA LUIZA  
BAMBINI  
VASCONCELLOS

*PertenSer - Instituto  
Sistemas Humanos,  
São Paulo/SP, Brasil*

O artigo *Os Maus e os Bons Fantasmas: uma história de reautoria em terapia narrativa com criança* chegou como um presente, uma vez que me encontro passeando pelos conceitos que foram abordados no trabalho, em função de um atendimento a uma criança em um processo de sofrimento peculiar.

Os referidos conceitos são destacados pela própria autora como: a *externalização do problema*, a *produção de documentos terapêuticos* e o *uso da tecnologia*, uma tríade que uniu recursos da Terapia Narrativa com os desafios do trabalho terapêutico realizado à distância pela imposição da pandemia.

Nesse contexto limitante, a autora vai utilizando os recursos narrativos para além de suas propriedades, ou seja, também como ferramentas de enfrentamento da impossibilidade da presença, para enlaçar e incluir os familiares em outra dimensão além daquela já alcançada no consultório, o que pareceu inaugurar um modo particular de envolvimento. As conversas de áudio e os “encontros” por fotos e desenhos, acordados como adequados naquela situação, talvez pela imposição de isolamento em que viviam, foram legitimando todas as linguagens produzidas, enriquecendo o modelo narrativo e ampliando singularmente as condições relacionais que a terapeuta foi capaz de criar com seus clientes.

O trabalho com crianças, diante de suas dificuldades, ganha lugar especial nessa abordagem, já que o *brincar* (Piaget, 1971; Winnicot, 1975), entendido como principal linguagem infantil, permite imaginar, criar e experimentar personagens e situações hipotéticas que fluem simbolicamente em direção à construção de novas — e libertadoras — percepções da realidade.

Nesse trabalho, particularmente, além do que nos indicam os autores acima, o *brincar* assume a busca de compreender o que aflige e limita a criança em sua manifestação de sofrimento e passa a ser partilhada por todos os envolvidos, numa horizontalidade que prescinde do lugar de poder da terapeuta como investigadora de causas adoecedoras. Assim, nesse exercício criativo de brincar em conjunto, ela passa a dar voz, tanto para suas ofertas de entendimento do que está em questão, como para a família, e especialmente, para a criança, enquanto acolhe o que esta produz com os conteúdos que consegue expressar por meio de sua linguagem lúdica.

O relato que acessamos no artigo, portanto, contempla, em toda sua significativa dimensão, a compreensão de que, ao invés de propor que alguma disfunção no seio da família determina o comportamento de seus membros, a atribuição de significados aos fatos que relatam é que emergem como responsáveis pelos comportamentos (White, 1993); logo, terapeuta, criança e familiares vão constituindo conceitos, criando e utilizando recursos inéditos e aumentando suas lentes de percepção do problema, sendo que esse último, agora figura como algo desencarnado de qualquer pessoa envolvida, e permanece como foco coletivo dos esforços de superação.

Nessa mesma compreensão, as ofertas dos poemas, denominadas “crônicas terapêuticas”, que foram produzidos pela terapeuta a partir do que ouviu, vão redimindo a culpa materna e dando lugar para seus sentimentos, além de elevar à categoria de importância, a produção conjunta dos desenhos representativos do problema, esse transformado no personagem que os animava a se unir para compreendê-lo e superá-lo.

Assim, uma proposta de Adriana — “problemas que assombram a vida das crianças são invisíveis e só poderemos conhecê-los desenhando-os” —, quem estava em combate passa à condição de aliado, sugerindo novos olhares aos predicados desses parceiros de enfrentamento do problema, predicados esses que chegaram como se fossem “a resenha de uma leitura”, que a autora fez sobre a dupla mãe e filho. Reside aqui a similaridade entre texto e terapia sugerida por White e Epston (1993).

Vale ressaltar que a produção desse comando, assim como de todos os outros conteúdos relatados no artigo, é proveniente de crenças, mesmo que provisórias, de cada pessoa engajada no trabalho. Do ponto de vista da terapeuta, por exemplo, poderíamos substituir ao referido comando pela crença de que as crianças manifestam suas insatisfações ou limitações por meio de comportamentos que denunciam um sofrimento que são incapazes de identificar ou mesmo de nomear, ou seja, são “invisíveis”.

Para torná-las visíveis e compreensíveis, por conseguinte, há um convite à improvisação, à espontaneidade, à liberdade de estar juntos na brincadeira para que seja possível constituir uma “ferramenta conversacional produtora de conhecimento” (Cesar, 2012).

No percurso compartilhado da externalização do problema, a terapeuta oferece, além de seus olhares, hipóteses, ao invés de certezas, que poderão ou não ser aceitas, como foi o caso da britadeira, que foi refutada e apagada do registro que passou a compor essa história, logo, como menciona, muito apropriadamente, a autora, “as conversas de externalização oferecem uma ilha de segurança compartilhada para que as pessoas se engajem na reautoria de suas vidas” (Autor, Ano, Página).

Boa leitura.

## REFERÊNCIAS

- Cesar, A.B.C.** Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. IN: H.M., Cruz (Org.). *Me aprende? Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores*. São Paulo, Roca, 2012.
- Piaget, J.** *Formação do símbolo da criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo, Zahar, 1971.
- White, M. & Epston, D.** *Medios narrativos para fines terapêuticos*. Barcelona: Paidós, 1993.
- Winnicott, D.** *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, RJ, Imago, 1975.

**MARIA LUIZA BAMBINI VASCONCELLOS**

Pedagoga e Terapeuta de Casal e Família, membro do Instituto Noos, atuando na Clínica de Terapia Familiar, Cofundadora do PertenSer. Grupo Terapêutico do Sistemas Humanos voltado ao atendimento de famílias em processo de adoção e/ou em situação de rompimento dos laços relacionais, Formadora da equipe da Instituição de Acolhimento CAMID.

<https://orcid.org/0000-0003-0868-2598>

E-mail: iza.vasconcellos@uol.com.br